



## ONTEM E HOJE NA ESPIRITUALIDADE *EJIWAJEGI*: UM RELATO ETNOGRÁFICO DA TRAJETÓRIA ESPIRITUAL DE SÔNIA FERNANDES NUNES

David de França Brito<sup>1</sup>

### Resumo:

O texto aborda transformações da espiritualidade do povo *Ejiwajegi* (Kadiwéu) após a chegada de missionários no século XX, que quase universalizou o modelo cristão ocidental. Hoje, apenas os mais velhos lembram dos antigos *nidjenigi*. O relato, baseado em uma roda de conversa entre mulheres de uma família, destaca vivências espirituais de diferentes gerações, exemplificadas na trajetória de Sônia, da infância com um *nidjenigi*, ao papel de pastora, analisando continuidades, rupturas e tensões dessa espiritualidade em transformação, sem adotar uma visão maniqueísta.

Palavras-Chave: *Ejiwajegi*/Kadiwéu; Espiritualidade; Relato Etnográfico.

O presente texto tem como centralidade a presença de uma anciã *ejiwajegi*<sup>2</sup> relatando histórias e memórias sobre aspectos espirituais de sua vida, mantendo o mais fiel possível a ordem cronológica da conversa. Esse texto nasce da seleção de relatos e histórias compartilhados em uma roda de conversa que se organiza em torno de duas questões: a primeira seria a concretização de um convite previamente induzido para uma conversa formal sobre espiritualidade, e a segunda o auxílio como exemplo para uma professora alfabetizadora da Ação de Extensão Saberes Indígenas na Escola, parenta por casamento de Dona Sônia, que se preparava para iniciar uma pesquisa sobre a construção da aldeia Campina.

Como a autorização para realizar tal pesquisa já tinha sido dada pelo atual cacique, Pedro Nunes, ao qual agradeço a confiança, e D. Sônia, liderança, atual pastora e irmã do cacique, aberto a possibilidade de uma conversa de aprofundamento com o intuito de produção de materiais para o presente trabalho, marcamos esse encontro no final de uma manhã de primavera. Essa era uma viagem que fazia pela Ação de Extensão Saberes Indígenas na Escola, já havia ocorrido uma formação com os professores da aldeia Alves de Barros e um encontro inicial com a professora da aldeia Campina, conversamos um pouco nesse encontro inicial e alinhamos

---

<sup>1</sup> Mestrando em Antropologia Social pela UFMS, especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Sociologia, História e Filosofia pela PUC/RS, Graduado em Licenciatura em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA); E-mail: david.f.brito@hotmail.com

<sup>2</sup> *Ejiwajegi* é a autodenominação do povo da etnia Kadiwéu. Ao longo do texto utilizarei ambas as palavras, *Ejiwajegi* como forma de respeito por sua autodenominação e Kadiwéu como palavra socialmente reconhecida

os temas a serem abordados no encontro que estava pré-agendado com a D. Sônia, sogra da professora que me acompanhava. Eu já tinha uma experiência teórica de alguns modelos de escrita e registros históricos ao longo do tempo, mas trabalhei com análise de documentos durante a graduação de licenciatura em História e a especialização em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, não com produção de entrevistas.

Durante as aulas do mestrado em Antropologia, o método de registro antropológico que mais despertou meu interesse foi a entrevista, em sua forma ampla — muito bem analisada e sintetizada por Calavias Sáez (2013) — nos formatos aberto, estruturado e semiestruturado, cada um com suas utilidades específicas e passível de ser aplicado isoladamente ou em diferentes combinações. É fundamental que o pesquisador tenha sempre em mente que está “...tentando comunicar dois mundos, o seu e o do (...) [participante da pesquisa], e a comunicação falharia se fosse interrompida pela diferença, mas também se neutralizasse a diferença” (SÁEZ, 2013, p. 154). Nesse sentido, a presente entrevista é chamada pelo autor de roda de conversa, ela possui as características essenciais de uma entrevista, mas acontece de forma única, moldada pelos seus participantes no contexto de execução.

Mesmo cultivando vínculos afetivos de amizade e parcerias com integrantes de diversas aldeias da nação *ejíwajegi* — estando sempre com eles e entre eles — minha presença se dá em diferentes momentos: ora entre amigos, ora em atividades de trabalho, pesquisa ou formação continuada com os professores. Isso também influencia a forma como sou percebido por alguns, sendo frequentemente referenciado como “professor”.

Fotografia da conversa com a  
Dona Sônia debaixo de uma árvore no quintal de sua casa



Figura 1 – Fotografia realizada em 18/11/2024 por Isvah Chamorro Candido

Era uma sexta-feira de manhã, chegamos no quintal da casa da casa de D. Sônia e lá estava ela com duas de suas filhas, cada uma com um filho pequeno, e sua mãe também estava por perto. As cumprimentamos, e após o consentimento para gravar nossa conversa, explicitarei novamente a temática sugerida e minha perspectiva frente a ela, disse então:

E vamos falar um pouquinho sobre espiritualidade, eu gosto de trabalhar com o conceito de espiritualidade. Porque a espiritualidade é aquilo que eu interpreto como as formas de nos conectarmos com Deus. E a religião, percebo que é uma dessas formas de conexão com Deus, mas não é a única; quando a gente sai da igreja, a gente continua se conectando com Deus, as pessoas que não estão na igreja também tem uma forma de se conectar com Deus, diferente? É, mas é uma forma de se conectar com Deus. A minha pesquisa, para a senhora entender, ela trabalha, inicialmente, eu estava trabalhando a espiritualidade hoje, mas eu percebi dos anciões essa necessidade de registrar como era ontem. Porque parece que não é mais daquele jeito, tem se mudado muito, e é interessante anotar, ter registros, livros, textos, que mostram essa passagem, porque por exemplo... essa aqui quando estiver adulta (se referindo a uma das crianças) e falar, 'ué como é que era quando o meu avô, minha avó ia no *nidjenigi*<sup>3</sup>? 'A, era assim'. Dessa forma, ela tem um contato de como era no passado para entender como é hoje, porque hoje é uma consequência do passado. Então, com base nisso, eu deixarei a senhora à vontade para falar, (criança chora) e eu gostaria que a senhora falasse um pouquinho sobre essa ida no passado. As igrejas... a senhora chegou ver a entrada das igrejas aqui, dos missionários. Qual foi o primeiro que a senhora lembra? (DAVID, 08/11/24<sup>4</sup>).

Dona Sônia iniciou uma busca em sua memória e começou: “Que eu me lembro, foi da minha igreja aqui. A igreja pentecostal alicerce do fogo” (SÔNIA, 08/11/24). Pergunto se vieram missionários, e pergunto se ela poderia contar um pouco sobre essa história para mim, então Dona Sônia segue:

Sim. Vieram os pastores. Na verdade, tem uma igreja na Alves de Barros não é, tinha um senhor que queria esse Ministério, aí chegou, ele fez uma carta, antigamente não tinha Wi-Fi, celular, nada; aí ele escreveu, o irmão escreveu uma carta, inclusive tem até uma cartinha aqui, pregada aqui na igreja, pedindo para os missionários virem para levantar uma igreja, que ele estava precisando. Aí foi, fez a carta, de lá que vieram os pastores (SÔNIA, 08/11/24).

Pergunto para Sônia se os pastores eram não indígenas, e ela me diz que “Não. Ele era indígena. Kadiwéu. Ele chegou, o pessoal veio direto na casa dele, aí levantar uma tenda, onde está a igreja agora, acho que você chegou ir” (SÔNIA, 08/11/24). Pergunto se era a azul que tem na aldeia Alves de Barros, mas ela diz que não, que é a outra que está mais para cima, onde está seu cunhado, diz que:

---

<sup>3</sup> Nidjenigi é uma palavra no idioma guaicuru (utilizado pelos Kadiwéu) que denomina um rezador/curandeiro, equivalente a pajé (palavra de origem tupi que designa o especialista ritual em comunidades indígenas brasileiras com o poder de se comunicar com potências e seres não humanos).

<sup>4</sup> Opto por utilizar como padrão para citação dessa roda de conversa o primeiro nome dos participantes e a data

De lá, eles vieram fazer visita para nós aqui, Na verdade não foi essa aqui (aponta para igreja ao lado de sua casa), foi lá embaixo né, aí vinha os pastores de a pé, veio um que morou na Alves, de lá ele vinha fazer culto sexta, sábado e domingo aqui, e foi indo, foi indo, e o pessoal começou a seguir a igreja, não é, aí eu também, e depois eu passei a ser evangélica também, o pastor veio aqui, pediu para levantar minha igreja aqui, e levantou não é (SÔNIA, 08/11/24).

Pergunto para ela em que ano isso aconteceu e ela me diz que foi em 2005. Continuo no tema e pergunto: “Esse pastor ele estava lá na Alves, e vocês iam lá chamar ele para ele vir fazer culto aqui?” (DAVID 8/11/24) E obtenho como resposta: “Isso. Através dos jovens que conseguiram que a igreja viesse para cá, porque aqui, tinham bastantes jovens, os irmãos, primos, eles desciam lá para cultuar com eles e de lá ele convidou para cá. E vieram” (SÔNIA, 8/11/24).

Pergunto para Sônia quando que a igreja foi inaugurada e ela me diz que foi em 2009. Pergunto quem pagou pela construção e ela me diz: “Na verdade, todos nós. Fizemos vaquinha! Fazia promoção, sabe!? Nós trabalhamos com isso para conseguir levantar uma igreja” (SÔNIA, 8/11/24). Pergunto se tem outra igreja aqui na aldeia Campina, e ela me diz que sim, mais uma, a UNIEDAS, lá embaixo. A igreja dela, o Avivamento do poder de Deus veio antes, e Sonia sempre fez parte dela, antes de ser a pastora o seu primo era, e antes dele seu tio; seu tio ficando cerca de 4 anos e seu primo por volta de 2. “E depois eu peguei. Porque meu primo abandonou a igreja. Aí não tinha ninguém, o pessoal indicou e fiquei até hoje [...]. Isso foi em 2009” (SÔNIA, 11/08/2024).

Foto da igreja Avivamento do poder de Deus



Figura 2 – Fotografia realizada em 19 de abril de 2025 pelo autor

Sobre a organização do culto em sua igreja, Sônia diz que acontecem às sextas, sábados e domingos, estando sempre aberto ao público; lá, primeiro se faz a oração, depois o louvor, alguém então lê a palavra e depois explica (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto para Sônia se tudo é feito em português e ela diz que sim, “Porque eu não sei pregar no idioma. Eu falo no idioma, mas eu não sei. Eu tenho um tio, que ele já prega no idioma, a palavra de Deus. Ele foi embora para aldeia Tomázia. Ele fala, lê a bíblia e explica no idioma” (SÔNIA, 18/11/24). Conversamos sobre esse tio, e percebi que conhecia, ele também é professor em uma das aldeias atendidas pela Ação de extensão Saberes indígenas na escola. Sônia completa dizendo: “É. Então, ele pega, lê a bíblia e explica no idioma, mais fácil para o pessoal entender, né. Só que é difícil. Tem a bíblia no idioma também. O pessoal diz que tem. Eu já não sei ler no idioma, é difícil” (SÔNIA, 11/08/24). Afirmo que com base em minha experiência com o dicionário publicado, imagino o quão difícil é e ela diz que: “Para ele que foi falante desde pequetio, né. Para ele acho que seja mais fácil. Nós aprendemos a falar na língua kadiwéu já éramos todos grandes” (SÔNIA, 11/08/24).

Começamos a falar de um período mais distante; pergunto à Dona Sônia sobre seus primeiros contatos com espiritualidade, desde a infância, e se seus pais haviam levado a algum lugar. Como resposta recebo: “Sim. Fui a um *nidjenigi*” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto se ela se lembra e se pode contar um pouco como era, então D. Sônia diz:

É... aqui morava um senhor que era *nidjenigi*, na Campina, ele é pai dessa menina que mora bem perto, na frente da escola, foi pai dela. E eu acho assim que ele era um homem de bem, né!? Não sei. A gente não pode julgar ninguém porque, mas eu falo, porque, ele curava as pessoas, sabe. Uma vez minha mãe me levou; eu estava doente, nem sei o que estava acontecendo comigo, sei que me levou a cavalo; antigamente não tinha moto, não tinha nada. Colocou eu em cima do cavalo e não lembro mais de nada, me levou lá na casa dele lá, ele fez o trabalho dele lá, mandou eu dormir lá, a noite ele cantava né (SÔNIA, 18/11/24).

Pergunto se ela entendia o que ele cantava durante a noite, mas ela diz que “Não, ninguém entendia o que ele falava, não entendia nada. Falava uma linguagem lá que ninguém entendia nada, disse que ninguém entendia nada mesmo” (SÔNIA, 18/11/24). Eu já ouvi isso outras vezes, em outras conversas, e insisto um pouco mais na pergunta: “Não era nem o masculino ou o feminino da língua kadiwéu<sup>5</sup>?” (DAVID, 18/11/24) Mas ela diz que “Nada, nada, nada. Era... sei lá, as vezes era... aí fiquei lá dois dias na casa dele e vinha embora” (SÔNIA, 18/11/24).

---

<sup>5</sup> Aqui me referi a versão masculina e feminina que compõem o idioma gwaicuru, utilizado pelos *Ejiwajegi*, os Kadiwéu.

Sônia continua então o seu relato: “Minha mãe me levava toda vez, tinha vez que ele falava assim ‘Ó...’ por exemplo: ‘...sexta ou sábado eu vou fazer um trabalho.’ Todo mundo ia lá naquele terreirão dele assim, tudo dormia assim” (SÔNIA, 11/11/24). Pergunto se o pessoal acampava lá, e então ela continua:

É, acampava lá. Pousava assim, uma noite lá. Aí ele fazia o trabalho dele lá para 23h, 00h. Ele fazia o trabalho, aí lá, sei lá, ele sabia se você estava doente, se alguém fez as coisas para você. Porque tem esse negócio de feitiço, né!? Alguém faz mal para você, aí se fazia e depois terminava e ele falava - O fulano, se está com isso daí, alguém fez coisa para você. Alguém tentou te matar, ou alguém tentou, sabe... tinha tudo ali, ele falava tudo para a gente lá. Aí encerrava e no outro dia cada um ia para sua casa e aquela pessoa que estava doente ele pedia para voltar todo o dia a tarde. E ele benzia, tinha um penacho lá, disse, acho que era pena de ema (SÔNIA, 11/11/24).

Pergunto se ele usava mais alguma coisa além do penacho, mas ela diz que “Não, só isso. Só aquele penacho. Ele não pegava nada, e pronto já era dia. E foi depois desse daí que veio a missionária né. Que é da UNIEDAS” (SÔNIA, 11/11/24).

Aproveito que ela fala da missionária e pergunto se ela era pequena quando ela chegou, buscando ali conhecer a missionária através dos olhos de Dona Sônia. Ela continua então: “A eu tinha uns 13 anos, por aí. Até hoje eu falo... a missionária sempre vinha em casa, pregava a palavra de Deus, só que nunca ninguém queria saber” (SÔNIA, 11/11/24). Pergunto sobre essa missionária, se era de fora da aldeia, se era não indígena, e Sônia diz que sim,

...morava aqui, mora aqui na missão. Até hoje eu falo com ela, missionária Fátima. Ela vinha toda quinta aqui e falava de Deus pra nós, da igreja; mas nunca ninguém aceitou. O ser humano é tão difícil, né? Não quer saber de nada. Aí, toda vez ela vinha em casa — casa por casa ela fazia — convidava para vir fazer culto. Nunca ninguém quis aceitar; mas ela também nunca desistiu, né? Depois foi acontecendo: meus pais aceitaram — são da UNIEDAS — aceitaram lá mesmo, na UNIEDAS; e as coisas foram mudando. Mais tarde é que veio essa Alicerce. A UNIEDAS é mais antiga, mas é ligada à Alves de Barros, né? (SÔNIA, 11/11/24).

Digo que já escutei um pouco dessa história de um pastor alemão, ela me diz que acha que é o pastor Geraldo, afirmo que esse mesmo que tenho escutado falar; digo que ouvi incluso que ele vem em algumas festas e ela afirma “Sim. De vez em quando ele vem” (SÔNIA, 18/11/24). Em um sinal de síntese de compreensão digo: “Então tinha UNIEDAS lá, vinha pastora aqui na Campina, mas o pessoal não dava bola para ela...” (DAVID, 18/11/24), Dona Sônia confirma: “Não davam” (SÔNIA, 18/11/24), e continuo “... e quanto tempo demorou para o pessoal começar a dar bola para ela?” (DAVID, 18/11/24) E Sonia diz: “Ixi. Demorou anos e anos aquela mulher, além dela ser missionária, ela era enfermeira, mas demorou tempo para o pessoal aceitar. É o que falo, o ser humano é difícil aceitar, mas depois, graças a Deus mudou” (SÔNIA, 18/11/24).



Após alguns segundos de reflexão, a professora Isvah Chamorro Candido que me acompanhava pergunta: “Mas ela vinha, tipo assim... antes da igreja da senhora? (ISVAH, 18/11/24) E Dona Sônia continua rememorando:

Sim, ela vinha. Nós éramos todos pequenos ainda. Ela vinha em casa, na casa da minha mãe, cultuava, lia a Bíblia, explicava. Não sei se nós aceitamos; porque nós não entendíamos nada, sabe? Sei lá, às vezes, hoje, eu penso: meu Deus do céu, coitada dela... quanto tempo vindo aqui, ainda a cavalo. Uma vez ela vinha a pé (SÔNIA, 18/11/24).

Pergunto se ela vinha lá da missão, me referindo aqui um assentamento de missionários alemães e Dona Sônia diz que sim, “lá da Missão. Ficava aqui, cultuava até umas 7 horas da noite, ia embora a pé de novo. Sabe, isso era toda quinta. Não falhava uma; sol quente, chovendo; isso era o trabalho dela” (SÔNIA, 18/11/2024).

Fotografias do assentamento da missão, localizado próximo a entrada das aldeias Alves de Barros e Campina

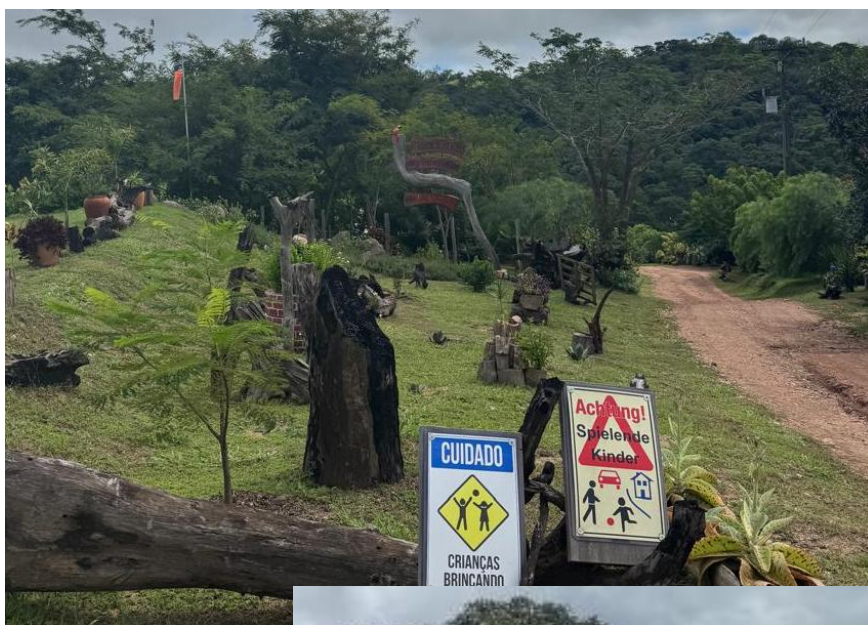


Figura 10 e 11 – Assentamento da missão, localizado próximo a entrada das aldeias Alves de Barros e Campina

A professora Isvah pergunta se isso é em referência é a Dona Fátima, e Sonia afirma que sim “Dona Fátima, né. Ela Foi a primeira que veio, e que bom que eu entendi né? Depois dela teve os antigos, o Geraldo. Que minha mãe fala, quem abriu o ministério da UNIEDAS foi ele; mas agora que eu me lembre, é a Fátima” (SÔNIA, 18/11/24).

Após um breve momento de silêncio coletivo, fico pensando sobre os *nidjenigi*'s e pergunto a Dona Sônia: “A senhora estava falando dessa ida ao *nidjenigi*. Como se fazia *nidjenigi*? Como se faz um *nidjenigi*?” (DAVID, 18/11/24) Dona Sônia reflexiva pergunta: “Pra ser *nidjenigi*?” (SÔNIA, 18/11/24) Afirmo que sim, e ela diz que não sabe, que isso ela não sabe. Aproveito que a mãe da Sônia<sup>6</sup> vai se aproximando aos poucos e para ela direciono a mesma pergunta, dizendo: “E a senhora, a senhora sabe? Ele nascia *nidjenigi* ou tinha tipo uma formação?” (DAVID 18/11/24) Mãe da Sônia diz acreditar que já nasciam e Dona Sônia vai no mesmo entendimento, complementado: “Eu acho que nascia. Porque cada um tem um dom. Porque é difícil, né? Se fosse para aprender tinha muitos. Para você ver, aqui na Campina não tem mais *nidjenigi*” (SÔNIA, 18/11/24).

Sobre *nidjenigi* a mãe da Sônia continua a falar

Não tem. Ele, disse que... falavam com ele, né; veio uma voz falando com ele você vai lá dar parte, que quero conversar com você. Você vai usar uma cuia e um penacho com pena de ema. Cê vai usar esses. Quando cê vai dar passe na pessoa, benzer, né. Abana a pessoa com aquele, daí, toda tarde ele fazia para benzer a gente, ele usava aquilo. Agora a porunga dele, a noite... quando ele fazia o trabalho (MÃE DA SÔNIA, 18/11/24).

Pergunto se a porunga é como um chocalho e ela me diz que sim, “...é igual um chocalho” (MÃE DA SÔNIA, 18/11/24). Dona Sônia diz que sua mãe tem na casa dela, é feito de uma cabaça. Pergunto se ele rezava todos os dias com esse penacho e a porunga e Dona Sônia me diz que não, “Só quando chamava, quando tinha alguém para ir à casa dele” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto se não tem mais nenhum mesmo, e se não, quando que acabou. Sônia pensa um pouco e diz que faz tempo, logo depois pergunta para sua mãe “2008 que ele morreu?” (SÔNIA, 18/11/24) Sua mãe responde que sim, e Dona Sônia pergunta também para a mãe: “E depois não teve mais nenhum?” (SÔNIA, 18/11/24) E sua mãe responde que não.

Logo depois Dona Sônia continua “Não teve mais. O pessoal fala que era para ser um filho dele” (SÔNIA, 18/11/24). Digo que “já escutei falar que é de família, só que eu não sei, eu só escuto” (DAVID, 18/11/24). E então ela diz que “o filho dele não quis, porque o filho dele foi para igreja. Ele rejeitou” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto se ele virou pastor, mas ela diz que não,

---

<sup>6</sup> Utilizarei aqui o termo “mãe da Sônia” como uma forma de manter a privacidade de terceiros em um acordo realizado com Dona Sônia



“ele só foi para igreja mesmo, não quis pegar o dom que o pai dele tinha. Abandonou, mas disse que ele provou uma vez já” (SÔNIA, 18/11/24).

Repito parte da frase de Dona Sônia, buscando mais esclarecimentos: “Provou que tem o dom?” (DAVID, 18/11/24) Ela se mantém em silêncio um momento e a professora Isvah continua: “Então se ele começar a fazer uma invocação, assim...” (ISVAH, 18/11/24) Percebo a manutenção da reflexão sobre isso e digo

Acredito ser uma questão de desenvolvimento, né? Muita gente tem mediunidade, mas precisa desenvolver. Se a pessoa fica negando — 'não vou, não vou, não quero saber' — ela não desenvolve. Agora, se ela se abre, tipo: 'Deixa-me ouvir o que essa vizinha está dizendo aqui' (risos), aí começa a conversar com a voz, né? (DAVID, 18/11/24)

O silêncio se mantém por mais um momento, até ser rompido pela fala da mãe da Sônia: “De primeiro, aqui não conhecia essa tal de ultrassom. A gente ia até ele [o *nidjenigi*] pra saber o que era a criança, se era menina ou guri” (MÃE DA SÔNIA, 18/11/24). Pergunto se o pajé realmente sabia, e ela confirma: “O pajé sabia. A gente ia lá, daí dizia: ‘Eu vim saber, vim aqui para o senhor fazer um trabalho. Eu queria saber o que que é meu filho, né.’ Aí ele fazia o trabalho, daí a guia dele contava” (MÃE DA SÔNIA, 18/11/24). A professora Isvah completa “Vai ser menina ou guri” (ISVAH, 18/11/24). E a mãe da Sonia conclui: É. E certinho. Você pode esperar, seu filho é menino” (MÃE DA SÔNIA, 18/11/24).

Demonstro muito interesse nessa outra forma de saber, e fico um pouco ansioso por mais, digo então para a mãe da Dona Sônia “Nossa que legal. E o que mais? Eu já escutei falar que ele retirava as doenças, descobria o que eram as doenças, que mais ele fazia? O curandeiro, o rezador, o pajé, o *nidjenigi*?” (DAVID, 18/11/24) Uso aqui os diversos substantivos que ouvi em outros momentos para defini-lo e ela me responde: “Ele era pajé. Não era o curandeiro, curandeiro é aquele que luta com o santo” (MÃE DA SÔNIA, 18/11/24). Ela diz que são diferentes e que o *nidjenigi* é o pajé.

Dona Sônia reafirma que são diferentes e diz que “não tinha nada de mais na casa dele. Porque tem os benzedores que tem os livros e tudo, uma mesa cheia de livros. Agora o pajé não, não tinha nada. Só o penacho dele e a cuia” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto então sobre os curadores, se aqui tem, se já ouviram fala e a mãe da Sonia diz que aqui na Campina não tem, e Dona Sônia diz que o pessoal diz curador como diz pajé e coloca como exemplo: “Tipo ‘Vou lá no curandeiro, no pajé’. É mais fácil curandeiro que falar pajé. Aí é esse daí” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto se esse seria o mesmo que o *nidjenigi* e ela me diz que sim. Pergunto também se já ouviram falar de alguma *nidjenaga* e tenho como resposta que não. Insisto mais uma vez “Já ouviram falar de algum *nidjenigi* mulher, ou pajé mulher? (DAVID, 18/11/24) e recebo como resposta que: “Não. Só homem” (SÔNIA, 18/11/24).

Ainda nessa rememoração, pergunto para Dona Sônia sobre um assunto que uma vez ela me contou de forma breve, dizendo: “E uma vez a senhora me falou rapidinho sobre o trazer de volta a alma para o corpo, parece que o pajé fazia isso, não fazia? Quando a alma saía do corpo, ele trazia de volta?” (DAVID, 18/11/24) Ela me diz que sim, ele “... trazia de volta” (SÔNIA, 18/11/24). Continuo no tema e digo: “Mas a senhora me falou que ainda é possível fazer isso sem ser um pajé? A senhora já viu alguém trazer a alma de alguém depois de 2008, como que faz agora se a alma sai do corpo?” (DAVID, 18/11/24) Dona Sônia diz que:

Se falava que o finado Lupito, ele trazia, né. Quando a pessoa estava mal, chegava lá bem ruim, ele falava assim: ‘A alma dela saiu.’ E já dizia: ‘Se eu conseguir trazer ela de volta, ela vai sobreviver. Mas se eu não conseguir, ela vai morrer.’ Ele já falava isso, deixava bem claro. Às vezes ele conseguia trazer, às vezes não. Também era difícil, né, pra ele (SÔNIA, 18/11/24).

Tentando entender um pouco mais desse fenômeno de retorno das almas<sup>7</sup>, pergunto para Dona Sônia o porquê de as almas saírem dos corpos e ela diz que não sabe

Assim ele falava para nós, né. Mas era principalmente criança, quando criança assusta, que de repente você assusta criança e a alma sai, e aí começa com vomito, dor de cabeça, febre, dorme e não quer acordar, a gente levava lá e fala né, ‘A alma dele saiu, mas vou trazer de volta’ (SÔNIA, 18/11/24).

Pergunto se hoje as almas ainda saem dos corpos e ela me responde: “Eu acho que não, não sei, por que... sei lá... eu penso assim” (SÔNIA, 18/11/24). Nesse momento a mãe da Sônia diz: “O nosso Deus já é outro” (MÃE DA SÔNIA, 18/11/24). Essa afirmação da mãe da Sônia me intriga e pergunto: “E antes, não era o mesmo Deus? Houve uma mudança de Deus? É isso?” (DAVID, 18/11/24) Dona Sônia diz que não sabe “... se os pajés serviam esse Deus que nós servimos agora, que é Jesus. Porque eles não gostavam, se falava de Jesus para eles, eles não gostavam” (SÔNIA, 18/11/24). Demonstro minha intriga e solto um, “a é?” (DAVID, 18/11/24) E ela continua “Não. Esse senhor que morreu, nos considerávamos ele como um avô mesmo, sabe; por que ele criou junto com minha mãe, nós não saíamos da casa dele de jeito nenhum, sabe? Nós falávamos dele como vô, bonzinho” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto como era o nome dele, e ela me diz que acha que era “Candido Timóteo, Candinho Timóteo” (SÔNIA, 18/11/24), digo já ter ouvido referências do Senhor Candinho e ela prossegue: “Sabe, ele era muito bonzinho, bebia a pinga dele, mas ele vinha conosco, não fazia nada, ele era muito bonzinho. Ele falava assim, que ele nunca queria ser evangélico. Ele odiava” (SONIA, 18/11/24). Pergunto o porquê e ela responde:

---

<sup>7</sup> Tenho escutado falar bastante desse fenômeno, mas pouco esclarecimento prático de como ele ocorre. Até acusado de estar com a alma um pouco distante do meu corpo nesses últimos meses fui.

Porque diz que o... como fala... o dom que ele servia não gostava de Jesus, é diferente né? Então... e depois quase perto dele morrer, ele falou para o filho dele que ele viu, que ele chegou ver Jesus, os anjos que não deixaram... o guia dele era todo de capa preta, ele falava. Ele acabou falando para o filho dele, 'Os meus guias todos de capa preta. E do nada desceu uns anjos de roupa branca e acabaram com os meus guias, esparramou, acabou'. Aí foi quando ele faleceu, morreu, acabou a força dele. Mas ele não gostava da igreja não, odiava a igreja evangélica (SÔNIA, 18/11/24).

Aproveito que Dona Sônia abordou o tema através das distinções da relação do divino, entendido aqui como característica da espiritualidade, e busco introduzir uma questão que faz parte de minhas reflexões dizendo:

E a senhora acha que as igrejas... não sei se 'criminalizavam' seria a palavra certa, mas... viam como algo ruim o que ele fazia? Ou não? A senhora percebia isso? Por exemplo, que a igreja olhava e dizia: 'Não pode, isso não é de Deus'? Nesse sentido mesmo... Porque, por exemplo, na história dos não indígenas, teve um período chamado Idade Média, em que mulheres foram perseguidas, acusadas de bruxaria — por fazer coisas simples, como preparar um café. O café era visto como uma 'poção preta do demônio', então matavam, queimavam essas mulheres. Só que hoje em dia todo mundo toma café (risos). Então, tipo, os mesmos que antes criticaram e mataram pessoas por isso, hoje fazem igual. A senhora acha que tinha um pouco disso também? Uma perseguição? Que as igrejas, os missionários, perseguiam esses rezadores, os pajés? (DAVID, 18/11/24)

Dona Sônia diretamente me responde que acha que isso não acontece. Insisto perguntando se ela nunca percebeu nada do tipo e ela diz: "Nunca percebi nada não. Porque ninguém falava. Cada um na sua. Eu nunca percebi, acho que não chegou a esse ponto não" (SÔNIA 18/11/24).

Nesse momento a mãe da Dona Sônia já tinha ido embora para sua casa, antes que pudéssemos segurá-la para mais contribuir. Já haviam acontecido mais de vinte minutos de conversa, e passo a palavra de condução para a professora Isvah. Falo um pouco sobre esse movimento dela de fazer uma pesquisa sobre a criação da aldeia Campina e como que a chegada de missionários e a criação de igrejas entram na história da criação da aldeia. Isvah diz que não vai se estender muito e começa:

É, eu queria saber na questão da religião mesmo, para colocar no livro, quem trouxe? A senhora disse que quem trouxe a primeira, que não davam bola foi a missionária, né. Que ninguém dava bola para ela, né. Ela falava, vinha fazer a pregação dela, e ela vinha com que... só ela que vinha? Chegou aqui de repente? Como é que é? (ISVAH, 18/11/24)

Dona Sônia em resposta fala que "É, ela chegou na verdade com o pessoal que veio da Alves de Barros, o primeiro pastor que veio... e depois ela foi mandada. Ela é de Portugal. De lá ela foi mandada para cá pela missão" (SÔNIA, 18/11/24). A professora Isvah então pergunta:

“Hum, então ela é de Portugal” (ISVAH, 18/11/24) e Dona Sônia confirma “É, e de lá ela veio fazer a missão dela” (SÔNIA, 18/11/24). Isvah então confirma, “porque o Geraldo é alemão, né?” (ISVAH, 18/11/24) Sônia confirma que ele é alemão e continua a falar da missionária Fátima: “Até esses dias eu falei com ela, está na Alemanha visitando, mas é de Portugal” (SÔNIA, 18/11/24). Isvah pergunta então o que ela vinha fazer aqui e Sônia diz que ela

Vinha fazer visita, as vezes ela já trazia um remedinho para dor de cabeça, vômito, aí já começava a pregar também; convidando para o culto. Cada quinta era um local que ela ficava, quinta uma casa, outra quinta em outra casa, ensinava nós a decorar os versículos, e nós não queríamos aprender, não queria nada, eu falava assim, às vezes, ‘Deus me perdoa’, ela falava assim, incentivava, ‘se você decorar esse versículo eu vou quinta feira trazer bala pra você’ (SÔNIA, 18/11/24).

Em resposta a esse relato da Dona Sônia, a professora Isvah, que é também indígena, da etnia Terena, diz:

Isso daí eu falo que já é um costume da igreja UNIEDAS, né, porque quando eu morava em Taunay nós frequentávamos a igreja UNIEDAS, eu frequentava, então todo domingo tinha a EBD, escola bíblica dominical, e eles com o intuito de chamar a gente, de nos trazer para a igreja, faziam a gente decorar versículo. Eu acho que é o mesmo ritmo que ela trouxe para cá, né? Nós decorávamos versículo, quem decorava mais ganhava um prêmio. Aí, eu acho que dessa forma também que funcionava aqui com ela, então ela era a única, como eu posso dizer, branca, né? Trouxe a UNIEDAS, porque lá foi a UNIEDAS, na Alves, e em seguida? (ISVAH, 18/11/24)

Dona Sônia responde que em seguida veio a igreja Pentecostal Alicerce do Fogo e Isvah pede que Dona Sônia conte um pouco sobre o a missionária, perguntando quem que tomou a providência de aceitar ela, se tinha sido o tio da Dona Sônia, o primeiro pastor da igreja que Sônia Pastoreia e D. Sônia diz que foi seu pai o que primeiro aceitou a missionária fazer culto na casa dele. Nesse momento temos um breve silêncio e antes que perdêssemos o ritmo pergunto em tom de confirmação essa última informação dita pela dona Sonia: “Ela fazia na casa de vocês mesmo?” (DAVID, 18/11/24) e Dona Sônia responde:

Na casa. Por exemplo: hoje ela faz aqui, na quinta-feira. Aí, na própria quinta-feira, assim que terminava o culto, ela já marcava: ‘Na próxima quinta vamos na casa do fulano de tal’, sabe? Nessa vinda dela, ela fazia de tudo para a gente aceitar o que ela fazia. Ela chegava na quinta-feira mais cedo na casa, reunia o pessoal, e, também comprava nosso artesanato, para ajudar, porque a gente sofria muito, sabe? Nós éramos bem precários mesmo. Ela mandava-nos fazer cestinha, anel de coco, essas coisas. Ela começou a falar para a gente fazer, que ela ia comprar para ajudar-nos. A gente fazia anel de coco, cestinha, ela comprava castanha de babaçu também, sabe? Tudo isso. Ela dizia assim: ‘Se vocês fizerem, na sexta-feira vocês levam lá que eu vou comprar tudo’. E a gente fazia, sabe? Passava a semana, e nós íamos tudo levar pra vender para ela. Até o *nidjenigi* fazia também. Ele levava lá, e ela comprava tudo, sabe? Então, daí, ela foi vendo e, de certo, pensou: ‘Eu vou ter que trabalhar de alguma forma para eu poder

entrar...’ Então, assim foi indo. Minha mãe e meu pai a acolheram, depois foram para igreja, e depois nós fomos também... (SÔNIA, 18/11/24)

A professora Isvah retorna à questão do artesanato e pergunta se eles já os produziam antes, Dona Sônia diz que eles mesmo iam longe em busca de materiais para colares, disse que a missionária Fatima comprava esse artesanato, e ela, os familiares e amigos conseguiam os materiais soltos no chão. Essa era uma forma que a missionária encontrava de ajudar os indígenas (SÔNIA, 18/11/24). Era “uma fonte de renda. Eu admirava de anel, de coco, as vezes o pessoal levava 120, 80, porque eram todos finos os anéis de coco” (SÔNIA, 18/11/24).

A professora Isvah pergunta quem produziam os anéis de coco e a Dona Sônia diz que eles mesmo “... nós tínhamos serrinha, hoje em dia você vê, o pessoal nem faz mais. Ninguém” (SÔNIA, 18/11/24). Isvah faz uma brincadeira com uma das filhas de Dona Sônia e essa continua:

O pessoal sabe, tínhamos uma faquinha e o pessoal dava uma amolada e amarrava um pano. Só para cortar os coquinhos... aí um outro tinha uma serrinha já, aí apertava e fazia já com uma serrinha. Usava pedra para lixar... folha do mato ou essas lixas aí... até hoje eu conheço essas lixas que prestam para aquele negócio branco e para laminar o anel de coco. Depois de tudo dava aquele brilhinho. Coloca em uma vasilha com óleo de comer e colocava no sol; aquilo lá saía pretinho, pretinho, pretinho (SÔNIA, 18/11/24).

Sônia afirma que todos faziam essas peças, homens e mulheres, até porque “Quem não queria ganhar dinheiro a mais? Os homens metiam a faca... homens e mulheres produziam esses anéis” (SÔNIA, 18/11/24). Sobre as cestas, ela afirma que: “A cestinha era assim... mas as mulheres que faziam, na verdade só as mulheres que faziam as cestinhas” (SÔNIA, 18/11/24). A professora Isvah pergunta se tinha mais algum tipo de peça produzida nesse período, mas a Dona Sônia diz que não.

A professora Isvah conclui e me pergunta se gostaria de perguntar mais alguma coisa, fico reflexivo e pergunto se antes desse incentivo há um comércio local se havia outra forma de ganho de renda, Sônia diz que antes não, então pergunto se “essa foi a primeira forma de vocês aqui na Campina ganharem dinheiro?” (DAVID, 18/11/24) E ela responde:

Primeira? Sim. Tanto com comida, quanto com roupa. Ela vendia roupa usada, assim. Para nós era tudo novo, não tinha assim, eu nunca tinha visto roupa nova, e aí nós chegávamos lá, nós comprávamos roupas dela; eu acho que ela pegava de doação lá, muita roupa, é casaco, tudo ela vendia (SÔNIA, 18/11/24).

A professora Isvah diz “É o famoso bazar” (ISVAH, 18/11/24), e Dona Sônia conclui “É, eu acho que é né. Aí eles vendiam para nós em troca de cestinha, de anel, comprava palmito, tudo isso era fonte de renda” (SÔNIA, 18/11/24). Na sequência a Isvah pergunta quando foi isso, e Dona Sônia afirma ser em 1978, dizendo que ela ficou bastante tempo.

Pergunto para ela quando que a igreja dela foi construída e ela me diz que a igreja do seu tio “foi construída em 2005, a primeira igreja lá embaixo, depois que ela voltou para cá” (SÔNIA, 18/11/24). Antes que eu pudesse perguntar mais sobre essa volta da primeira igreja a professora Isvah perguntou sobre a fundação da aldeia e sobre as famílias da etnia Terena que vieram, diz quem suas referências de base apontam para os anos trinta essa fundação (ISVAH, 18/11/24). Dona Sônia diz que por ser de 1975 não vai se lembrar muito, provavelmente apenas das histórias dos avós e as vivências da mãe que também nasceu aqui na aldeia Campina, assim Isvah fica de realizar em outro momento essa conversa com a mãe da Dona Sônia, que já tinha ido para sua casa.

A professora Isvah recapitula as informações obtidas projetando a produção do livro por ela em organização, e digo que é importante transmitir essas mudanças para as crianças, para que elas entendam o movimento histórico que estão inseridas. Ela me pergunta como falar sobre o preconceito, e pergunto se ela diz sobre o preconceito e/ou censura frente ao *nidjenigi* e ela continua:

Eu acho assim que, hoje... eu falo nós. Nós deduzimos que cada um tem o seu livre arbítrio. Então a gente, nós colocamos a pessoa para entender que ela tem o livre arbítrio para acreditar em um Deus; ela tem um Deus dela como antigamente, eles acreditavam em alguma coisa, foi passando de geração para geração, né? E hoje eles acreditam em um Deus. Que é Jesus, para nós. Eu acho que na questão dos cristãos, eu acho que não tem nenhum preconceito, é por que a gente dá essa opção de eles acreditarem em alguma coisa, entendeu? Cada um tem a sua fé, né? É o que eu falo (ISVAH, 18/11/24).

Pergunto se ela não acha que era tratado como bruxaria e ela diz que não, falo que nas cidades não é difícil haver preconceito contra pessoas de algumas religiões, mas ela diz acreditar não acontecer essas manifestações de preconceito aqui, que tinham os que faziam o bem ou mal. Pergunto se seriam duas figuras diferentes ou ela fazia o bem o mal, ela diz que

Poderia ser... não sei. Não sei se ele, talvez, optasse por fazer mal para algumas pessoas — eu realmente não sei. A gente não pode afirmar. Por isso, é algo que precisa ser mais aprofundado. Não sei se ele escolhia, tipo: ‘Ah, essa pessoa não’, né? Porque, como a Dona Sônia falou, ele tinha o guia de capa preta... não sei. A gente não pode julgar — cada um tem sua crença, né? Mas eu acho que não tinha esse preconceito aqui, porque eles participavam, faziam o bem, curavam as crianças. Acho que faziam o bem, era bom, né? Porque, às vezes, não tinha remédio, e só ele sabia curar. Acho que servia, que era bom mesmo. Eu falo isso, né, mas hoje... talvez... mudou bastante coisa, né? (ISVAH, 18/11/24)

Sônia completa dizendo que “hoje aqui na Campina, não tem *nidjenigi*, não sei lá na Alves de Barros” (SÔNIA, 18/11/24), digo para ela que pelo que tenho escutado tampouco tem lá, mas “eu já ouvi falar: ‘fizeram bruxaria para minha irmã’, na verdade ‘que fizeram mal’, aí



você vai... o antropólogo pergunta ‘fizeram mal? Como assim? O que significa isso?’ E me disseram: ‘É, tipo bruxaria!’. Aí cê fala ‘É? Tipo bruxaria. Fala mais disso’...” (DAVID, 18/11/24). Nesse momento Dona Sônia complementa minha fala dizendo: “Feitiçaria, eles falam. Feitiçaria, bruxaria, magia negra, sabe!? Isso aí, quem faz isso aí não é do bem não, é do mal quem faz isso aí” (SÔNIA, 18/11/25). Nesse momento aproveito e pergunto: “Mas a senhora acha que ainda tem isso? Que ainda fazem?” (DAVID, 18/11/24) Ela diz que tem, mas encerra sua resposta aí.

Nesse momento percebo que encaramos um espaço do não dito, digo então “Ué, mas quem faz?” (DAVID, 18/11/24) E quem me responde é a professora Isvah “Eu falo que em outras aldeias tem, nessa questão do *nidjenigi*, a pessoa, ela pode ser um, não pode? Tanto para o mal quanto para o bem? Ela pode ser chamada assim, não pode?” (ISVAH, 18/11/24) Dona Sônia afirma que é, eu complemento que “Acho que os *nidjenigi*’s são aquelas pessoas que têm o poder, e aí ela usa o poder para o que ela quiser” (DAVID, 18/11/24) E Dona Sônia confirma: “Aham, é isso” (SÔNIA, 18/11/25), e a professora Isvah conclui: “Exatamente. Então, hoje em dia as pessoas têm usado, já ouvi falar, mas para o mal” (ISVAH, 18/11/24).

Aproveito essa afirmação, e refaço a minha pergunta mais uma vez: “Hoje em dia? Então ainda tem?” (DAVID 18/11/24) E Dona Sônia afirma que “Tem!” (SÔNIA, 18/11/24) Como a resposta se mostrou mais curta que o imaginado, complemento: “Só que falam que não...” (DAVID, 18/11/24), e em resposta ela diz: “É, só que falam que não” (SÔNIA, 18/11/24). Pontuo como acho isso

curioso. E por que falam que não? Por que quer algo por debaixo dos panos? Por isso que eu penso? Será que é porque a igreja, como a igreja na cidade coloca isso como errado, então eu vou fazer escondido para não ser, sei lá, perseguido. Ou será que tem alguma outra coisa, porque por algum motivo ela está por debaixo dos panos (DAVID, 18/11/24).

Nesse momento a professora Isvah diz acha que na igreja, para

Quem já está na igreja — a gente já serve, já tem o nosso Deus — vai falar que aquilo lá é do mal, entendeu? Se ela está fazendo mal, é mau, é do mal. Agora, se fosse para o bem, a gente acolheria isso e diria: ‘Ah, é de Deus’. A gente não pode afirmar, né? Tipo, vamos dizer que a pessoa tem um dom, mas usa esse dom para querer o mal de outra pessoa — isso é ruim para nós também. Porque, se você tem o poder... dá o poder, e aí você vai ver quem é essa pessoa. É difícil, né (ISVAH, 18/11/24).

Afirmo então que acaba sendo uma questão de índole, e busco amenizar um pouco o clima da conversa, digo que vou aproveitar que falaram que ainda tem gente que ‘faz o mal’, e pergunto se conhecem alguma história, se me contariam sobre alguém que foi afetado por esse mal, algo que possa ter acontecido, Falo um pouco também sobre a importância de manter registros históricos, incluso histórias que transmitem aprendizados. Digo que

...a importância desses registros para o futuro é que a gente possa parar, ler e pensar sobre isso. Nem que seja: ‘esse escreveu isso’, ‘mas aquele escreveu aquilo’, ou ‘aquele outro escreveu não sei o quê’... então, vamos pensar sobre isso. Eu já escutei de algumas pessoas que isso existe, mas ninguém me conta. Então eu me pergunto: como é, então, esse tal de ‘fazer mal’? (risos coletivos). Aí dizem: ‘Ah... fez mal’, e o assunto acaba aí. E eu fico tipo: Como assim? Todo mundo sabe que existe esse tal de ‘fazer mal’, mas não tem ninguém que faz? E continuam fazendo...” (DAVID, 18/11/24).

Dona Sônia diz não saber o porquê de as pessoas não assumirem. Diz que “se você perguntar para a pessoa, se você chegar na pessoa e falar assim: ‘Você faz? Você faz um trabalho de fazer mal para alguém?’, ela vai falar: ‘Não, eu não.’ Eles não vão assumir que fazem essas coisas” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto para ela, “mas e se eu perguntar se a pessoa é um *nidjenigi*?” (DAVID, 18/11/24) E ela diz que “ele vai falar que não. Porque não é aquele que antigamente nós sabíamos que era ele, e essa pessoa fica... né... ele não vai querer ser *nidjenigi*” (SÔNIA, 18/11/24).

Continuo a expressar minha curiosidade pela negação da identidade dos *nidjenigi*s e pergunto se “ele vai ser perseguido se assumir, será que tem algum preconceito? O que será que acontece?” (DAVID 18/11/24) A professora Isvah diz que não acha haver perseguição e sim que

É medo dele ser rejeitado, entendeu? Pela sociedade, pelo fato de que, se ele for se apresentar como um *nidjenigi* que faz o mal, a sociedade vai olhar para ele de outro jeito. Agora, se for uma pessoa que faz o bem — é o que você falou: dá o poder — ele tem tanto poder de fazer o que quiser, entendeu? Você vai ficar de bem com uma pessoa que faz mal para outra pessoa, né? Ele, apresentando o poder, pode fazer o bem, mas também pode fazer o mal. Eu acho que é esse o medo... (ISVAH, 18/11/24)

Pergunto então se hoje só haveria *nidjenigi* que faz o mal, e a professora Isvah diz achar que eles têm vergonha de assumir. Em um tom de conclusão, mas também tentando entender digo: “Porque vão achar, que só por ele ser *nidjenigi*, ele vai fazer o mal. Então tudo o que acontecer de ruim na aldeia, foi ele” (DAVID, 18/11/24). Dona Sônia diz que “Vergonha não, mas talvez o medo. Porque hoje tem gente que fala assim ô: ‘Disse que é feiticeiro, né? Se ele fizer mal para a minha família, eu o mato. Eu mato, eu não estou nem aí, eu acabo com a família dele.’ E eles têm esse medo, sabe?” (SÔNIA, 18/11/24) Ainda em um tom de quem busca entender, digo: “então eu vou falar que eu não sou se perguntarem, para não correr esse risco” (DAVID, 18/11/24). E ela confirma dizendo que “...é, porque aí fala: ‘nem sei de nada’. Mas é...” (SÔNIA, 18/11/24). Digo que então vou de casa em casa para ver quem tem um penacho e todos rimos descontraindo.

Isvah diz acreditar que nem com o penacho eles trabalham mais, e Dona Sônia afirma que agora não se tem mais o penacho. A professora continua dizendo que hoje as coisas

acontecem no íntimo, “...para perceber a mudança, antes se chamava, e hoje só se tiver” (ISVAH, 18/11/24). Dona Sônia complementa “ou faz sozinho. Sei lá” (SÔNIA, 18/11/24), e Isvah finaliza “ou vai para algum lugar. A gente não sabe” (ISVAH, 18/11/24).

Neste momento pergunto se elas “... veem coisas estranhas?” (DAVID, 18/11/24) cito o exemplo de Guido Boggiani que escreve que uma vez passou a noite com os kadiwéu, e durante um repetindo silêncio acontecia um processo de cura em uma das cabanas da aldeia, executado pelo “Padre (o médico)” (BOGGIANI, 1975, p.130). Digo que em um outro texto, de um outro autor, ele cita uma luz, como se fosse uma lamparina, que parou atrás da casa de uma pessoa, ele foi até lá e não viu nada, ele achou que aquela lamparina era de uma das pessoas que estava trabalhando para ele, porque era muito difícil conseguir lamparina na época... Dona Sônia complementa: “Era difícil” (SÔNIA, 18/11/24) E continuo sobre o relato desse autor, que no dia seguinte descobre que alguém naquela casa tinha morrido, e as pessoas falaram para ele, que o *nidjenigi* conseguia fazer isso de se transformar em uma luz e perambular durante a noite, fazendo o seu trabalho. Digo que fiquei pensando nessa história, e se tem esse tipo de coisa, de histórias sobre assombração, luzinha que fica andando por aí, pergunto se existe esse tipo de coisa no senso comum.

Dona Sônia fala que existe, e Isvah diz que incluso tem lugares que o pessoal fala que assusta. Peço para me contarem desses lugares que assusta e dessas coisas que assombram. A professora Isvah diz que a Dona Sônia conhece, então pergunto para Dona Sônia se ela conhece história de lugares assim e ela me diz:

“Eu já vi já... nessa estrada aqui, lá na frente de uma fazenda, nós vimos gente. Eu e meu irmão vimos gente andando na nossa frente, isso já faz muito tempo já... Acho que tinha uns 12 anos, aí nós o atropelamos a cavalo, e do nada ele sumiu, [era um] ...homem! Não chegamos ver como que ele era, mas como daqui ali, e do nada... acho que nós paramos, olhamos um para o outro para conversar e sumiu. No limpo” (SÔNIA, 18/11/24).

Diz que passaram com o cavalo por cima e não tinha mais nada, “Sumiu. E falamos, ué? Para onde que foi será? Não sei. A gente ficou com medo” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto se eles contaram para alguém e ela me diz que contaram para a mãe e ela disse que poderia ser assombração, mas ela não sabia que tipo de assombração que era, se alguém tinha morrido lá ou outra coisa. Eu falo que já li que a alma dos *nidjenigi* ficavam quando eles morriam e ela me diz que: “Sim, o pessoal fala também, esses *nidjenigi* falam que quando a pessoa morre, a alma dele começa andar por aí, perseguindo o outro que está vivo. Assim fica...” (SÔNIA, 18/11/24).

Pergunto se tem muita história de assombração e ela me diz que “...tem. Eu já escutei barulho, grito, e o pessoal fala que... quando eu escutei esse barulho eu até fui ao *nidjenigi* que estava aí, ele falou... não é nada não. É a alma do fulano que está andando por aí” (SÔNIA

18/11/24). Neste momento brinco dizendo que ele respondeu com um: “relaxa, é só um desencarnado procurando o caminho dele” (DAVID 18/11/24), e todos nós rimos um pouco.

Ela diz achar engraçado que antes tinha muitas regras, a mãe dela não deixava brincar de noite, por que falava que “tinham pessoas aí, tem muita alma andando por aí, muitos espíritos andando e não podia deixar a pessoa andando no terreiro, se não a alma pegava o rastro da criança, sabe? Agora vai saber se é verdade” (SÔNIA, 18/11/24). Pergunto e hoje, como é? E ela me diz que “hoje não tem mais, mas que antes tinha tanta coisa que minha mãe falava: ‘isso não pode, isso não pode, isso não pode’ e hoje...” (SÔNIA, 18/11/24).

Eu pergunto se ela se lembra de mais alguma coisa, e ela me fala de um assobio que acontece de noite; pergunta se eu já o escutei alguma vez e eu falo que sim, que em São Paulo o pessoal fala que é morcego. Ela solta um breve sorriso antes de dizer:

Mas dizem que o morcego também faz isso — mas tem uns que não são. A gente ia no *nidjenigi* e ele falava assim: ‘Eu vou contar para vocês, mas não fiquem com medo, não. Isso aí é uma cabeça de gente, tipo uma caveira. Quando ela grita, vai lá para cima, e muda de lugar. Assobia aqui, e logo depois assobia lá. Assobia aqui, assobia lá’. Ele dizia que era como uma cabeça de gente. Do jeito que gritava aqui, pulava e gritava de novo lá, e pulava de novo. A gente, quando era pequeno, ficava com medo. Minha mãe falava: ‘Imagina... Daqui a pouco vocês vão dar de cara com a cabeça gritando para vocês!’ Aí eu quero ver a gente andar... Começávamos a imaginar a caveira — Deus me livre! — ficávamos todos com medo. Antigamente não tinha energia elétrica, era só lamparina. E a gente tinha medo de subir a pé. Hoje em dia, não temos mais medo, não (SÔNIA, 18/11/24).

Falo do quão interessante esses relatos são para mim, e pergunto mais uma vez se poderia registrá-los, tendo como resposta que sim. Falamos sobre algumas questões aleatórias, algumas questões identitárias e fizemos o diagrama de parentesco da família de Sônia; que não são particularmente relevantes para a temática e a abordagem feita aqui. Tendo incluso como escolha, não os incluir para manter a privacidade dos participantes da pesquisa. Nesse momento encerramos a nossa gravação com 1 hora e 5 minutos de duração, nos despedimos, e mantivemos o contato ao longo da produção e publicação do presente texto e seus desdobramentos em escritas e apresentações. As restrições e orientações da escrita foram quase nulas, mantendo-se a questão da privacidade de parte dos mencionados pela participante na pesquisa e a linguagem coloquial utilizada no ato do registro.

Não se almeja nesse ensaio uma análise nem aprofundamento do processo do qual os participantes da pesquisa estão envolvidos, ficando essa abordagem para um movimento posterior, estando em foco nessa exposição, um material etnográfico base para análises e reflexões posteriores.

## REFERÊNCIAS

BOGGIANI, Guido. *Os Caduveo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

BRITO, David de França; ROMIZI, Francesco. *As Complexidades da Vida Espiritual entre o Povo Ejiwajegi*. In: Anais do I Encontro Latino-Americano de Bem Viver e Inovação Social. Anais do ELABVIS: Corumbá: UFMS, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/i-encontro-latino-americano-de-bem-viver-e-inovacao-social-401522/800968-AS-COMPLEXIDADES-DA-VIDA-ESPIRITUAL-ENTRE-O-POVO-EJIWAJEGI>. Acesso em: 20/06/2024

SAÉZ, Calavia Oscar. Etnografia: O campo. In: *Esse obscuro objeto de pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia*. Edição do autor, 2013. p.132-170.

GRIFFITHS, Glyn. *Dicionário da língua Kadiwéu*: Kadiwéu-Português, Português-Kadiwéu. 2002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2022. Indígenas. Primeiros resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. 3ªed. São Paulo: Global, 2019.

ROMIZI, Francesco; BRITO, David de F. *Os múltiplos caminhos da tradição espiritual e de sabedoria do povo Ejiwajegi*. In: 34ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 2024, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2024. Disponível em: <<https://anais.rba.abant.org.br/34rba/trabalho?atividade=100704>>. Acessado em 24/11/2024.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Editora UFPR, 2018.

VIEIRA, Carlos, M. N. *Elementos acerca da Sociodiversidade dos Povos Indígena no Brasil e em MS*. In: AGUILERA URQUIZA. A. H. (Org.) *Antropologia e História dos Povos Indígenas em mato Grosso do Sul*. Campo Grande, Ed. Da UFMS. 2016.

## ENTREVISTAS

FERNANDES, Sônia. Sonia Nunes Fernandes: entrevista [11 de nov. 2024] Entrevistador David de França Brito. Porto Murtinho: aldeia Campina / MS, 2024. “No prelo”.